

SILÊNCIO E METÁFORA, ALGO PARA SE PENSAR¹

Bethania MARIANI
Universidade Federal Fluminense (UFF)
bmariani@terra.com.br

A conseqüência é que a língua domina o pensamento, impondo-lhe a ordem do negativo, do absurdo, da metáfora. É aí que a ciência da linguagem relaciona-se com o registro do inconsciente.

M. Pêcheux
(*A língua inatingível*,
2004)

1. Do poético na língua

Gostaria de iniciar esse texto sobre o silêncio e a metáfora lembrando que, do ponto de vista discursivo, o poético não está fora da linguagem, não é algo restrito a um conjunto de efeitos especiais a ser usado em determinadas ocasiões. Ao contrário, pode-se conceber como uma propriedade da ordem da língua essa capacidade de deslizamento do poético. Um deslizamento que incide no corpo da língua, em sua materialidade significante específica (cf. Pêcheux, 2004).

Resultante de diferentes funcionamentos languageiros, esse deslizamento aponta para o fato de que em qualquer ponto do encadeamento significante há uma possibilidade de falha, fratura, produzindo uma deriva do sentido. Uma deriva tanto para aquele que fala ou escreve quanto para aquele que escuta ou lê.

Em uma música intitulada *Terceira margem do rio*, Caetano Veloso e Milton Nascimento jogam com o que parece mais estabilizado na língua, para desestabilizar sentidos logicamente organizados.² Todo o texto da música segue em um fluxo quase ininterrupto de palavras que, enlaçadas pelos sons, multiplicam sentidos. No fluxo marca-se a interrupção, o corte, mas também se marcam as múltiplas possibilidades do dizer.

Um fluxo cortado pela escrita das próprias palavras – com suas maiúsculas, com pontuações, com o aprisionamento de alguns sentidos – e, ao

¹ Esse trabalho, sem essa parte inicial e sem a parte final, foi apresentado no *II Congresso da Metáfora na linguagem e no pensamento* (Instituto de Letras, UFF, setembro de 2004). Nesse momento em que o envio para o II SEAD, considero que ainda há muito por (melhor) dizer.

² Fica aqui registrado meu agradecimento a Vanise Gomes de Medeiros. Em minhas conversas sobre o tema desse trabalho, foi dela a lembrança da música *Terceira margem do rio*.

mesmo tempo, fluindo no seu encadeamento acústico incessante. Como que fazendo com palavras o rumor de um rio, os dois cantam:

“Oco de pau que diz: Eu sou **madeira**, **beira Boa**, dá vau, **tristriz** Risca **certeira** Meio a meio o **rio ri** Silencioso sério **Nosso pai não diz, diz: Risca terceira**”

Provocando esse deslizar das palavras, jogando com aliterações e com assonâncias – “madeira beira; beira boa; rio ri; certa terceira; tristriz; risca risca” – os compositores deslocam a morfossintaxe da língua por meio de associações paradigmáticas com base nas imagens acústicas e em sentidos evocados.³

Em outros pontos da canção, a descontinuidade da cadeia marcada pelas repetições, pelas maiúsculas, pela contradição e, principalmente, pelo jogo fônico, também desorganiza as frases e configura a incompletude do simbólico. Não é possível tudo dizer, sempre resta uma terceira margem:

“Meio a meio o rio ri Silencioso sério”
“Nosso pai não diz, diz: Risca terceira”

O rio não tem somente as duas margens comuns, mas também essa terceira margem, assim como as palavras ditas e as não ditas que ficam nas beiradas das enunciações, pressionando o dito com as possibilidades inúmeras do por dizer. As palavras transpiram silêncio, como nos diz Orlandi (1992), um silêncio onde os sentidos, em sua movência, em seu fluxo incessante, se mostram/escondem na iminência do dizer. E é o que cantam os compositores:

“**Casa da palavra Onde o silêncio mora Brasa da palavra** A hora clara, nosso pai **Hora da palavra Quando não se diz nada Fora da palavra Quando mais dentro aflora**”

Nesse fluxo contínuo/descontínuo, em que se constrói/desconstrói a positividade do signo, emerge o “equivoco do associativo e da metáfora” (Pêcheux, 2004, p. 59). Ou, dizendo de outra maneira, na margem virtual do não dito, no silêncio, escorrem associações de som e de sentido, de sons causando sentidos, e de sentidos se desfazendo, se deslocando nos sons efetivamente ditos.

“Nosso pai não **diz, diz**”

A gramática normativa em sua representação imaginária da fluidez da língua, exige completude, exige distinções. No verso dos compositores,

³ Esse processo e outros, espaços na língua para brincadeiras poéticas - que, entre outros nomes, são designados como ‘paronomásia’, no antigo quadro de referência das figuras de linguagem -, está inscrito na língua. Não é simplesmente um uso que se faz dela em ocasiões especiais.

entretanto, o que a vírgula na escrita da língua separa, o jogo homofônico da repetição junta. O que a vírgula, marcando a elipse, tenta organizar, o fluxo da massa acústica dissolve. E ao juntar, faz deslizar a estrutura significante, provocando a surpresa da irrupção de sentidos outros: “diz, diz” ou ‘desdiz’? “diz, diz” e ‘desdiz’?

“Asa da palavra Asa parada agora”.

2. Só para introduzir

Meu objetivo com esse trabalho é duplo. Por um lado, numa primeira parte, realizar um estudo sobre a metáfora percorrendo três autores: Jakobson, Lacan e Pêcheux.

Essa proposta de discutir a metáfora sob três diferentes pontos de vista de algum modo entrelaçados está ligada à minha própria trajetória nesses três campos do saber: a Lingüística, a Análise do Discurso e a Psicanálise. Após apresentar essas teorizações, me proponho a articular os conceitos de metáfora e silêncio, tal como formulados por Pêcheux e Orlandi, respectivamente. A questão do significante, do real da língua, do processo de produção de sentidos e do silêncio, portanto, é articulada ao final do trabalho.

O que vamos trabalhar a seguir considera o princípio geral da metáfora, conforme nos lembra Dor:

“a metáfora é tradicionalmente repertoriada nos tropos do discurso como uma figura de estilo fundada em **relações de similaridade, de substituição**. (...) é um processo que consiste em designar alguma coisa por meio do nome de uma outra coisa” (Dor, V. 1, p. 43)

Não perdendo totalmente de vista esse princípio geral, entretanto, o foco desse trabalho é uma tentativa de compreensão da metáfora como um fenômeno da ordem da língua⁴, da língua como uma estrutura em que está em jogo a questão a natureza das relações entre a língua e o silêncio.

Apresentação da questão....

Como nos lembra U. Eco (1994), há duas opções no discurso sobre a metáfora. De um lado, aquela que vai supor que a língua é por natureza e originalmente metafórica e é “o mecanismo da metáfora que funda a atividade lingüística”. Mas há também um outro discurso sobre a metáfora, aquele que supõe que se “a língua é um mecanismo convencional e regido por regras que produzem sentenças adequadas, uma produção metafórica seria uma avaria, um resultado inexplicável”. (Eco, 1994, p. 201) Seja uma ou outra opção, a metáfora continua sem lugar nas explicações, pois como nos adverte o autor,

⁴ Por ordem da língua compreende-se não uma idéia de imposição de um determinado ordenamento, mas sim o que está em jogo no que diz respeito aos processos de produção de sentidos. (Orlandi, 1996, p. 45)

no primeiro discurso sobre a metáfora, se tudo é metáfora, só é possível falar sobre a metáfora em termos metafóricos! Já no segundo, “uma teoria denotativa da língua pode indicar os casos em que a língua é usada incorretamente e, contudo, *parece dizer alguma coisa*: mas atrapalha-se se tiver que explicar que coisa e porquê.” (Eco, *id.*, *ibid.*)

Falar sobre a metáfora em R. Jakobson, J. Lacan e M. Pêcheux é trazer para o campo da língua e do discurso modos singulares de tratar a metáfora. Nos desdobramentos da lingüística saussureana, para Jakobson o conceito de língua está justamente vinculado à possibilidade da produção de sentenças adequadas, ou seja, voltadas para a comunicação, por mais que ele considere a não comunicação (o ruído) também se inscreve no dizer. Entretanto, em Lacan e em Pêcheux, o conceito de língua como estrutura permite pensar a estruturação do inconsciente, para um, e a materialidade do ideológico, para outro, respectivamente. Para esses dois últimos autores, o interesse pela metáfora surge exatamente no ponto em que a ordem da língua se rompe, não porque a língua seria uma máquina lógica mas, ao contrário, exatamente porque em seu funcionamento significante, a língua é sujeita a falhas. Tenta-se, justamente, teorizar e construir um dispositivo de análise, um lugar de observação para esse funcionamento significante.

Em outras palavras, o lingüista, o psicanalista e o analista do discurso se interessam de modos diferentes pela língua(gem) e pela metáfora. É importante dizer que todos partem da lingüística tal como pensada por Ferdinand de Saussure e tal como pode ser lida no livro *Curso de Lingüística Geral*, livro que, como sabemos, foi escrito por seus discípulos. É a partir de Saussure que o objeto próprio da Lingüística – a língua – começa a ser tomada como um sistema de signos, onde não há senão valores. A língua: um sistema de signos assentado sobre a linearidade da cadeia significante. A Lingüística saussureana e pós-saussureana irá privilegiar um olhar sobre a estruturação interna do objeto língua buscando apreender as relações de diferença em que os signos, seja tomados em sua totalidade, ou em seu aspecto material (o significante), ou em seu aspecto conceitual (o significado), estabelecem entre si.

O lingüista se volta para a estrutura, para a concatenação dos signos, sua linearidade, para a compreensão da língua como um sistema autônomo, e vai depreender a regras e leis de funcionamento dessa estrutura. “A separação língua/fala, paradigma/sintagma, sincronia/diacronia marca bem esta orientação da lingüística [saussureana] para a *língua*, para o *paradigma* e para a *sincronia* mais do que para a fala, para o sintagma e para a diacronia.” (Kristeva, p. 252)⁵ E, é importante acrescentar, do paradigma não apenas como

⁵ Kristeva diz que “se é certo que foi Saussure que, numa época dominada pelos neogramáticos, enunciou em primeiro lugar os princípios da língua como sistema de signos e fundou assim a lingüística geral moderna que se tornará estrutural e altamente formalizada, é num filósofo que vamos encontrar edificada a

virtualidade, mas também como o que foi selecionado e se encaixou na estrutura sintagmática.

Embora essa seja a leitura acadêmica privilegiada do *Curso de Lingüística Geral*, é importante lembrar que há um outro Saussure, o Saussure dos anagramas (como nos mostra Starobinski, 1964), que mostra outra forma de combinação dos significantes. Nos anagramas, o privilégio está justamente naquilo que, como virtualidade, como horizonte de possibilidades da língua, pode (ir)romper (n)a cadeia significante. Vamos voltar a esse ponto na última parte do trabalho. Vale a pena lembrar que Saussure e Freud, embora contemporâneos, não se encontraram em suas pesquisas.

Os três teóricos que destacamos vão se situar de modos diferentes em relação às questões saussureanas, sobretudo no que diz respeito à noção de língua, à noção de cadeia significante e à noção de comunicação.

3. Para Jakobson...

Vamos partir das ponderações de Jakobson sobre a lingüística e sobre a comunicação humana.

Lembremos de imediato que o russo Jakobson, vindo do Círculo de Moscou, juntou-se ao Círculo Lingüístico de Praga (durante a década de 20 do século XX) e colaborou na definição de língua proposta pelo grupo: “um sistema de meios de expressão apropriados a um fim.” (*apud* Kristeva, 1999, p.59) O trabalho do Círculo traz conseqüências importantes sobretudo em dois domínios, o da fonologia e o da poética. Como sinalizam os historiadores das idéias lingüísticas, Jakobson chega à ciência lingüística a partir da poética, fato que vai caracterizar uma diferença significativa no modo como irá teorizar sobre a língua. Como afirma Pêcheux,

“a contribuição do C.L.P. pode ser considerada como essencialmente contraditória. Por um lado, será uma tentativa de aplicação prática do que havia ficado no plano teórico com Saussure: a reflexão privilegiada sobre o domínio dos sons baseia-se na apreensão da maneira pela qual nasce o sentido na poesia, o que significa que a língua, objeto do lingüista, nunca é separada da língua, objeto da literatura. Por outro lado, ele será uma primeira etapa para a instalação da ordem do sério na lingüística, uma retomada da ideologia da comunicação, à qual ele traz uma garantia científica.” (Pêcheux, 2004, p. 106)

Essa reflexão sobre o poético no lingüístico, algo barrado no Círculo Lingüístico de Copenhague e banido do desenvolvimento lingüístico norte-concepção da linguagem que está subjacente à lingüística atual. Designando aqui a fenomenologia husserliana e mais particularmente a concepção do signo e do sentido em Husserl (1859-1938), pretendemos assinalar a dívida inconfessada do estruturalismo para com a fenomenologia. (...) A fenomenologia husserliana (...) é a base da teoria da significação do nosso século, com a qual se relacionam, conscientemente ou não, explicitamente ou não, as teorias lingüísticas.” (Kristeva, 1999, p. 256)

americano, é presente nas reflexões de Jakobson: afinal, para o autor, só é possível pensar na língua a partir do momento em que ela integra a possibilidade da poesia. Como ele afirma em *Linguística e poética*, texto escrito em 1960, “a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística.” (Jakobson, 1969, p. 119) Além disso, vale ressaltar, que Jakobson não silencia sobre o Saussure dos anagramas, dizendo: “é a obra mais importante de Saussure.” (*apud*, Pêcheux, 2004, p. 109)

Interessa-me, particularmente, a investigação de Jakobson sobre a língua em uso, ou seja, sobre o *ato lingüístico* e sobre as *funções da linguagem*. A descrição do ato lingüístico, conforme Jakobson, comporta os elementos da comunicação humana.⁶ E é a partir do plano das relações entre sintagma e paradigma que a reflexão de Jakobson irá trazer uma discussão diferenciada sobre as afasias e sobre o funcionamento metafórico-metonímico.

Nesse texto em que Jakobson trata das afasias – Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia (1956) –, texto escrito quando ele se encontrava em Nova York após a II Guerra Mundial, o autor reafirma os pressupostos saussureanos do Círculo de Praga, propondo que o papel do lingüista é o de ser um “especialista na estrutura e no funcionamento da linguagem”. E o que é a linguagem? Para o lingüista russo, um ato de fala, para ser eficiente, para exercer seu papel comunicativo, precisa de um código comum aos falantes.

Esse código, por sua vez, permite combinações variadas, porém esse mesmo código impõe limites, dado seu modo de funcionamento específico. Retomando Saussure, Jakobson afirmará que todo signo lingüístico implica dois modos de arranjo:

- 1) a combinação (contextura), que apresenta duas variedades: concorrência e concatenação. Saussure não reconheceu a concorrência, apenas a concatenação, ou seja, a seqüência temporal em função do caráter linear; a combinação é o sintagma em presença, ou seja, a mensagem dada pode ser compreendida no eixo da contigüidade.
- 2) a seleção (substituição) diz respeito às entidades associadas no código, mas não na mensagem dada. Na seleção os signos se encontram ligados por diferentes graus de similaridade, que oscilam entre a equivalência de sinônimos e o fundo comum dos antônimos, conforme diz Jakobson.

⁶ E esses elementos da comunicação humana podem ser analisados sincronicamente. De acordo com Kristeva, Jakobson propõe uma teoria interessante sobre a sincronia e a diacronia, indo além da visão estática das teorias estruturais. “A sincronia, para ele, é dinâmica: a sincronia do filme não é uma justaposição de imagens, mas uma totalidade sincrônica em movimento.” (Kristeva, *idem*, p. 264) Diz Jakobson: “Uma é a dicotomia entre sincronia e diacronia, outra a dicotomia entre estático e dinâmico. Sincronico não é igual a estático.” (Jakobson, 1969, p. 26). E assim, podemos concluir, a idéia da cadeia linear, da linearidade do significante perde seu lugar central quando consideramos o jogo entre essas duas dicotomias.

Mas Jakobson reconhece que, em várias situações, esses dois modos de arranjos sígnicos se ‘desarranjam’. Mas isso não é um problema para o lingüista, ao contrário, pois para o autor “a Lingüística se interessa pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.” (*idem*, p. 34) É através desse último recorte – linguagem em dissolução, e portanto não estabelecendo a sua dimensão comunicativa – que Jakobson justifica seu interesse pelos afásicos. Além disso, para ele, “a regressão afásica se revelou um espelho da aquisição de sons da fala pela criança; ela nos mostra o desenvolvimento da criança ao inverso.” (*idem*, p. 36) Ao estudar os afásicos, pontuando como as duas formas de arranjo dos signos se desarranjam, Jakobson irá “rever a teoria saussureana da *linearidade do signifiante*”, pois os afásicos, independentemente do grau de afasia que portam, apresentam problemas na combinação e na seleção dos signos lingüísticos.

Ou seja, Jakobson questiona o aspecto da linearidade da cadeia significante ao estudar a combinação (encadeamento) e a seleção (concorrência) dos signos. Com um estudo que incide no modo como a mensagem dos afásicos é transmitida, Jakobson vai trabalhar com os ‘distúrbios da similaridade’ (seleção e substituição) e com os ‘distúrbios da contigüidade’ (combinação e contextura).

E é nesse ponto que ele retoma as figuras de estilo, a metáfora e a metonímia para explicar a linguagem dos afásicos.

No distúrbio de similaridade (deficiência na seleção e substituição) ocorre uma deterioração das operações metalingüísticas, fica suprimida a relação de similaridade. Nesse caso, “a metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade.” (*idem*, p. 55)

Já no distúrbio da contigüidade “não há perda total da palavra, há uma desordem da contigüidade na combinação de palavras em unidades superiores. Há uma deterioração na capacidade de construir sentenças. A frase vira um monte de palavras, sendo que a ordem das palavras se torna caótica.” (*idem* p. 51) Nesse caso, ocorre uma deterioração da palavra na frase ou dos morfemas na palavra, portanto, há uma deterioração no poder de preservar a hierarquia das unidades lingüísticas, fica suprimida a relação de contigüidade. “A metonímia é incompatível com o distúrbio da contigüidade.” (*idem*, p. 55)

Em suma, devemos apontar que Jakobson descreve os dois pólos para compreender onde e como a afasia faz falhar o processo comunicativo. Um processo comunicativo que depende do código lingüístico. Quando o código é mal empregado ele faz falhar o aspecto primordial da linguagem humana que é a de comunicar. Ao mesmo tempo, Jakobson aproveita essa questão para ampliar a compreensão do modo de funcionamento da cadeia significante, considerando os eixos paradigmático e sintagmático enquanto procedimentos

metafórico e metonímico, respectivamente. E mais: para ele, “a competição entre os dois procedimentos, metonímico e metafórico, se torna manifesta em todo processo simbólico, quer seja subjetivo, quer social.” (*idem*, p. 61) Daí a relação que ele estabelece com a *Traumdeutung*, de Freud.

No entanto, de um modo geral, lembremos o alerta dado por U. Eco já mencionado: a lingüística não vai incluir em seus dados de análise essas situações em que a língua falha.

4. Para Lacan....

Para a psicanálise, mais especificamente, a psicanálise lacaniana, ao contrário, o interesse está voltado para os pontos de falha na fala comum, cotidiana, endereçada ao analista. O tropeço, ou seja, o lugar em que a linguagem tropeça é o objeto de interesse para o psicanalista. “Ficamos atentos aos momentos em que a linguagem se equivoca, a fala derrapa.” (Nasio, 1992, p.12)

Mas como se organiza esse percurso em que Lacan inclui a lingüística? Esse percurso, como ele próprio aponta, se justifica a partir de sua leitura de Freud⁷, sobretudo de duas obras: a *Interpretação dos sonhos* e o *Psicopatologia da vida cotidiana*. Dessas duas obras Lacan extrai algo que para um lingüista pode parecer paradoxal: “todo ato falho é um discurso bem sucedido”, dirá Lacan, 1998, p. 246)

É Freud, portanto, quem fornece a Lacan a possibilidade de teorizar uma hipótese geral sobre o funcionamento do inconsciente ao dizer que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem.” Há uma analogia possível entre certos processos de linguagem e o dinamismo inconsciente: “esta estrutura é colocada por Lacan como a estrutura à qual o inconsciente deve ser relacionado (...) e é o próprio ato da linguagem que faz advir o inconsciente.” (Dor, 1995, p. 28)

Se, por um lado, Lacan retoma Saussure e os fundamentos da lingüística estrutural, por outro, ele subverte esses mesmos princípios. E um dos pontos ‘subversivos’, digamos assim, é a importância dada ao significante, uma importância em função do descolamento do significado. As flechas invertidas que unem o significado ao significante em Saussure desaparecem quando Lacan propõe sua leitura do signo lingüístico, colocando o significante sobre o significado. Além disso, a barra, ou seja, o elemento que separa os dois elementos do signo, essa barra de fato barra (separa) e, ao mesmo tempo, ela está ali para ser ultrapassada. Isso vai permitir compreender que os significados deslizam sob um fluxo dos significantes autônomos. E é o que está na base da

⁷ “Parece claro para Lacan que a própria obra de Freud convoca à introdução de certos conceitos da lingüística no campo teórico da psicanálise.” (J. Dor, v.1, p. 27)

teoria lacaniana da metáfora (Arrivé, 1989, p. 107) tal como ele a esboça, sobretudo no *Seminário 3* sobre as psicoses e depois, tal como ele a formaliza no escrito *A Instância da Letra* (1998).

Diz Lacan:

“O mundo humano, o mundo que conhecemos, no qual vivemos, no meio do qual nos orientamos, e sem o qual não podemos absolutamente nos orientar, não implica somente a existência das significações, mas a ordem do significante.” (Lacan, 1985, p. 216)

Lembremos aqui que nesse mesmo *Seminário 3*, Lacan retoma Jakobson “um lingüista amigo meu” (Lacan, 1985, p. 250) e sua teoria sobre as afasias para estabelecer um paralelo e um distanciamento entre o funcionamento do fluxo verbal dos afásicos e dos psicóticos (em relação aos neuróticos). Dirá Lacan, distinguindo a questão dos afásicos da dos psicóticos, que não se pode “desconhecer o papel mediador primordial do significante”, embora seja o significado que é usualmente colocado em primeiro plano por ser mais sedutor. (*idem*, p. 251)

E essa ordem dos significantes tem uma autonomia e leis próprias (Lacan, *idem*, p. 225), leis de funcionamento que podem ser depreendidas quando separamos radicalmente, à maneira de Lacan, o significante do significado. Para melhor compreender esse funcionamento, podemos pensar no exemplo dado por Saussure. Dada uma imagem acústica como “Eu aprendo” pode-se depreender duas significações possíveis apenas se se leva em consideração o descolamento entre significante e significado: ‘eu aprendo’ e ‘eu a prendo’; ou em “uma teia de aranha”, onde teríamos ‘uma teia’ e ‘matei-a’.

O significante, em si, não tem significação. O que irá delimitar os possíveis sentidos é sua relação – opositiva, diferencial, negativa – com signos lingüísticos circunscritos na cadeia falada. Do ponto de vista de Lacan, revendo as teses saussurianas, o que importa na cadeia da fala é um correr superposto de dois fluxos: o fluxo dos significantes e o fluxo dos significados.

Se Saussure tentava corresponder os dois fluxos de modo a conseguir segmentá-los em unidades mínimas, para Lacan esses fluxos ininterruptos são interrompidos por uma ação do significante: “o significante detém o deslizamento, de outra forma indeterminado e infinito da significação – sempre fluida e sempre prestes a se desfazer” (Lacan, *apud* Dor, p. 39)

Lacan chama de *ponto-de-estofa* esse momento em que um significante se associa ao significado: uma espécie de enlaçamento, de colchete, de amarração. E esse movimento de colchete se dá por efeito retroativo: “um signo faz sentido retroativamente na medida em que a significação de uma mensagem só advém ao final de sua própria articulação significante.” (Lacan, 1985, p. 256) O

significante, portanto, é um elemento-guia e impõe uma articulação, uma ordem, uma sintaxe. E para se perceber isso é necessário, segundo Lacan, a “dissolução do vínculo da significação intencional com o aparelho do significante (...) e a dissolução do vínculo interno do significante.” (Lacan, *idem*, p. 256)

“... o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. (...) Donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse momento. Impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante...” (Lacan, *op. cit.*, pgs. 505 e 506.)

Ao se perguntar “o que é a metáfora”, tendo como pano de fundo essa reflexão sobre o significante e sobre a estruturação do discurso psicótico (Lacan está trabalhando como o caso do Presidente Schreber), Lacan dirá que “é na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou de criação”. (Arrivé, 1986, p. 107) O trabalho metafórico é um trabalho que incide na substituição do significante, um trabalho que supõe o ponto de vista teórico da supremacia do significante em relação ao significado. É a língua que comanda a fala, como afirma Dor (*idem*, p. 44)

A metáfora, nessa acepção, é o elemento produtor de sentido, e é o que permite o surgimento do novo sentido, dirá Lacan. Ainda acrescenta Lacan: “o importante não é que a similaridade seja sustentada pelo significado, é que a transferência do significado não é possível senão em virtude da própria estrutura da linguagem.” (Lacan, 1985, p. 258)

A metonímia, embora não seja nosso objeto de estudo aqui, precisa ser mencionada, pois sua análise de alguma forma corrobora os resultados a que Lacan chega sobre a metáfora. O que importa destacar, no processo metonímico, é a relação de contigüidade entre um novo significante e um significante anterior. Ou seja, no significante novo que se apresenta não se descarta sua ligação ao sentido da manutenção do significante anterior, apesar do significado associado ao primeiro significante estar provisoriamente expulso.

As fórmulas da metáfora e da metonímia propostas por Lacan vão colocar na forma algorítmica aquilo que sinteticamente podemos tentar dizer: na metáfora, onde há condensação, substituição, relação de similaridade, produz-se um sentido outro para um significante; na metonímia, onde ocorrem deslocamento, transposição, combinação, há um novo significante para um mesmo sentido.

Em suma, a compreensão dos processos metafóricos e metonímicos é fundamental para a compreensão do processo inconsciente enquanto estruturado como uma linguagem. Em relação ao estudo lingüístico, essa

compreensão se desvia dele porque estará privilegiando a ordem significante, e não os signos tomados em sua totalidade. Ainda com relação à lingüística, Lacan vai se distanciar muito fortemente da noção de comunicação. É ele quem pergunta no já mencionado *Seminário 3*: “Quando é que se pode falar em comunicação?” (Lacan, *idem*, p. 214)

Para Pêcheux

De início, é importante ressaltar que objeto e objetivos da análise do discurso e da psicanálise se aproximam e se afastam radicalmente.

Pêcheux, partindo de uma crítica ao estado das ciências humanas e sociais nos anos sessenta, estabelece o discurso como objeto de uma disciplina de entremeio, cujo objetivo maior é estabelecer uma reflexão sobre sujeito e sobre funcionamentos lingüístico-históricos, visando uma compreensão da interpelação ideológica constitutiva da produção de sentidos nos sujeitos. O conceito de sujeito em questão remete também para o de sujeito dividido da psicanálise, ou seja, um sujeito como efeito de linguagem, falado pelo inconsciente. Citando Lacan – “só há causa daquilo que falha” –, Pêcheux dirá que a categoria de sujeito da análise do discurso deve considerar essa causa [do que falha], na medida em que ela se “manifesta” incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais “apagados” ou “esquecidos”, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/*non sense* do sujeito dividido.” (Pêcheux, 1988, p. 289)⁸

Grande parte do projeto teórico da análise do discurso foi o de trabalhar conceitualmente o fato de que inconsciente e ideologia encontram-se materialmente ligados na ordem significante da língua. Pêcheux irá particularizar essa relação dizendo que “a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente.” (Pêcheux, 1988, pg 301)

Pêcheux aponta a questão do efeito metafórico, de acordo com sua ‘biógrafa’ D. Mالدیدیر, no período denominado de ‘as grandes construções’ que é o tempo em que ele propõe a Análise Automática do Discurso. Se nessa época ele estava colocando alguns dos pilares dos trabalhos discursivos e, para tanto, estava formulando críticas ao estado dos estudos lingüísticos e das ciências sociais, a questão da produção de sentidos e da metáfora retorna ao longo de sua obra de diferentes maneiras. Seja em função do lugar da AD, um lugar de tensão entre a história e a lingüística; seja em função dos estudos que ele vai promover sobre a relação língua/real da língua/discurso. A língua no

⁸ Pêcheux retoma Lacan também para mostrar que o inconsciente não é algo que viria após a interpelação ideológica, sobrepondo-se a um “ego-sujeito-pleno”. (Pêcheux, 1988, pg. 300)

ponto de vista da AD é inatingível, nela se apresentam pontos de resistência à univocidade lógica, resistência às tentativas de domesticação dos sentidos.

Embora para a AD e para a psicanálise, em suas críticas ao idealismo platônico, sujeito e linguagem sejam a porta de entrada para a compreensão dos processos que constituem o sujeito, Lacan trabalha o sujeito como efeito de linguagem, enquanto que Pêcheux, retomando Althusser, irá colocar, inicialmente, o efeito-sujeito como questão central em seu trabalho, que incorpora o histórico-ideológico como constitutivo da materialidade significante. Esse estatuto particular da análise do discurso e da psicanálise, porém, não impede que conexões sejam feitas a partir de indicações teóricas formuladas no interior de cada campo.

De acordo com Pêcheux, em sua visada teórica da relação entre o inconsciente e a ideologia, o assujeitamento à linguagem não se realiza fora do ideológico, ou, mais precisamente, fora da identificação sofrida pelo sujeito à formação discursiva na qual ele se constitui, embora essa identificação-interpelação se encontre recalcada: “Os significantes aparecem dessa maneira não como as peças de um jogo simbólico eterno que os determinaria, mas como aquilo que foi ‘sempre-já’ desprendido de um sentido: não há naturalidade do significante; o que cai, enquanto significante verbal, no domínio do inconsciente, está ‘sempre-já’ desligado de uma formação discursiva que lhe fornece seu sentido, a ser perdido no *non-sense* do significante.” (Pêcheux, 1988, p. 176)

Se essas questões ligadas à constituição do sujeito são trabalhadas em Pêcheux a partir das formulações lacanianas, a questão do efeito metafórico se encontra vinculado em parte ao significante, e em parte ao signo tomado em sua totalidade. Na situação de discurso, o que se vê em funcionamento são palavras e enunciados, palavras e enunciados vinculadas às formações discursivas.

Como dirá Pêcheux, não há sentido preso às palavras, nem sentidos deriváveis a partir de um suposto sentido literal: “O sentido é sempre uma palavra, uma proposição por outra: os sentidos só existem nas relações de metáfora dos quais certa formação discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório.” (Orlandi, 1996, p. 21)

Ora, está em jogo aí tanto a possibilidade de se usar uma palavra ou outra, em função de relações de similitude (sinonímia), quanto a possibilidade de, nesse processo de substituição contextual de uma palavra por outra, chegar-se a um termo bastante distanciado do primeiro, mas que guarda, com esse primeiro termo uma memória de sentido.

Diz Pêcheux: “chamaremos *efeito metafórico* o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y ; esse

efeito é característico dos sistemas lingüísticos naturais, por oposição aos códigos e às línguas artificiais, em que o sentido é fixado de antemão.” (Pêcheux, 1990b, p. 96)

Pêcheux propõe um esquema para explicar esse funcionamento e em seu esquema, o que se compreende é que nesse incessante deslizamento de sentidos, neste processo perene de substituição de uma palavra por outra, chega-se a algo totalmente distinto, mas que guarda alguma coisa das relações de sentidos dos deslizamentos. Há, como diz Orlandi, algo do mesmo no diferente. E é por aí que Pêcheux traz a questão da historicidade e da ideologia em sua conexão com a língua e com o discurso. Dirá o autor, sobre a língua, que ela deve ser pensada “como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo” e sobre a discursividade que ela é justamente “a inscrição de efeitos lingüísticos materiais na história.” (Pêcheux, 1981, p. 95)

4. Metáfora e silêncio

A análise do discurso é uma disciplina de interpretação. E por ser uma disciplina de interpretação trabalha com o não estabilizado na língua. Língua, aqui, como possibilidade do simbólico, base ao mesmo tempo estruturada e furada. Ou seja, possibilidade do simbólico como inscrição de processos de significação nos quais se materializam a tensão entre o estabilizado e o não-estabilizado, o mesmo e o diferente, o mesmo no diferente e o diferente no mesmo. Falar do simbólico em termos discursivos é falar desses processos de modo não estanque, é falar da paráfrase e da polissemia perpassando a fluidez do simbólico.⁹

Fazendo um breve retorno a Saussure¹⁰, privilegamos um recorte das questões saussurianas que incide justamente sobre o não dito, sobre a virtualidade constitutiva de toda cadeia paradigmática. Todo paradigma comporta uma multiplicidade de possibilidades de dizer, mas dessa multiplicidade, apenas determinados signos se inscrevem na cadeia. Nesse processo, na cadeia sintagmática marca-se simultaneamente presença e ausência, embora para o sujeito que enuncia fique o engodo do controle do dizer, um engodo provocado pela própria língua e pela exigência ideológica da comunicação. Há, em conseqüência do funcionamento paradigmático, uma iminência de dizeres possíveis, mas não-ditos e isso se inscreve sem cessar no dito.

Lembremos, ainda, que Saussure menciona que as relações paradigmáticas podem ser estabelecidas de inúmeras formas, inclusive em termos de associações de imagens acústicas. Ou seja, nada impede a irrupção, a

⁹ Cf. Orlandi, 2002 (Paráfrase e polissemia, a fluidez no limite do simbólico. In: *Revista Rua*)

¹⁰ Lembrando que o recorte que vamos apresentar, assim como qualquer outro recorte, representa um ponto de vista tanto sobre Saussure quanto sobre a lingüística em geral. (cf. Pêcheux e Gadet, 2004)

emergência de um signo qualquer, em qualquer ponto da cadeia sintagmática por simples associação sonora.

Em suma, a emergência de um dizer outro pode se dar por via de associações de sentido e/ou de forma e/ou de som, fazendo o sujeito falar (ou escrever, ou ler, ou ouvir ou compreender) aquilo que não esperava falar (ou escrever, ou ler, ou ouvir ou compreender).

Mas, ao lado desse processo, há outros inscritos na própria sincronidade da cadeia significante, provocando um desencadeamento/reencadeamento no momento mesmo de sua enunciação. Ou seja, é na própria massa acústica que se desenrola essa possibilidade infinita dos deslizamentos e, por conseqüência, dos processos de produção de sentidos outros. E, mais uma vez, é o instável universo paradigmático que pressiona a cadeia, provocando deslizamentos de sentidos no próprio dizer.¹¹

Discursivamente, então, não se trata a língua simplesmente como algo-a-saber, uma das coisas pertencentes aos muitos saberes sobre os quais se deve discorrer. Isso é função de um outro campo de estudos, de uma outra maneira de se estar na ciência, uma ciência que exige completude do objeto e da disciplina que trata do objeto. Discursivamente, busca-se compreender a língua como um suporte material daquilo que estabiliza/desestabiliza o encadeamento da cadeia significante. Uma língua que comporta a incompletude, o não-dito, a virtualidade dos dizeres inscrita no dizer. Uma língua, qualquer língua, então, é estruturada e comporta um furo.

Imbricam-se, portanto, a estabilidade da língua – sua permanência, sua identidade – e, ao mesmo tempo, sua não-estabilidade, sua não permanência, aquilo que faz falhar a univocidade, e que, falhando, se materializa nessa mesma língua. Esses são lugares, como nos lembra Pêcheux (1990a), do real furando a identidade da língua, tornando-a estranhamente não idêntica a si mesma. A análise do discurso, como disciplina de interpretação, não se furta desse real¹².

Deste modo, considerando a análise do discurso como disciplina de interpretação, Pêcheux teoriza a incompletude do dizer e o equívoco, as falhas a que todo dizer está sujeito. Discutindo o acontecimento do equívoco na língua, Pêcheux fala sobre esse real “constitutivamente estranho à univocidade lógica” e sobre esse saber “que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos.” (1990a, p. 50)

¹¹ Como vimos, na parte inicial do trabalho, o jogo que se estabelece em “Nosso pai não **diz**, **diz**’.

¹² A língua inseparável da *lalangue*, termo usado por Lacan em dois de seus seminários (*L'Étourdit* e *Encore*) e retomado por Milner (1987). Como afirma Milner, “A língua é, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco. (...) a língua é o que faz com que uma língua não seja comparável a nenhuma outra, enquanto que justamente ela não tem outra, enquanto, também, que o que a faz incomensurável não saberia ser dito. (...) o fato de língua consiste nisto que na língua haja impossível: impossível de dizer, impossível de não dizer de uma certa maneira.” (Milner, 1987, p. 15)

Os pontos de falha na língua, de equivocação, de deslizamento, de deslocamento, lugares que provocam o chiste, a surpresa, o inesperado, enfim, que provocam um estranhamento do dizer em relação ao próprio dizer, é sobre eles que quero falar a propósito da metáfora. Mas antes, vale lembrar que “toda descrição (...) está firmemente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, ao deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.” (Pêcheux, 1990, p. 56)

E é nisso que consiste o processo metafórico, é nessa possibilidade de haver deslocamento dos sentidos. Falar sobre metáfora, então, é falar sobre deslocamento e sobre sentido. Os sentidos existem nas relações de metáfora.

Dois pontos precisam ser abordados. Primeiro: o deslocamento dos sentidos, embora fluido e ininterrupto na cadeia do dizer, é necessariamente barrado pelo enlaçamento pontual dos significantes em determinados pontos da cadeia. E esse enlaçamento, uma ancoragem semântica, não se processa indiferentemente, ele tem a ver com a história, com a tensão entre memória e esquecimento, e com a subjetividade. Segundo: a noção de silêncio (Orlandi, 1992) torna possível compreender em termos teóricos a questão da fluidez dos sentidos.

Se os sentidos são múltiplos, se só existem em relações de metáfora, se existem como potência no próprio da língua, se só se manifestam materializando-se nesses momentos de enlaçamento com determinadas imagens acústicas, por onde eles circulam? Só podemos responder a essa questão levando em consideração a hipótese formulada por Orlandi de que “o silêncio é a própria condição de produção da linguagem. (...) O sentido é múltiplo porque o silêncio é constitutivo. A falha e o possível estão no mesmo lugar, e são função do silêncio.” (Orlandi, 1992, p. 71)

Lembremos, aqui, do esquema de substituições contextuais proposto por Pêcheux para explicar o efeito metafórico. Comentando esse esquema, Pêcheux dirá que “... toda forma discursiva particular remete necessariamente à série de formas possíveis, e que essas remissões da superfície de cada discurso às superfícies possíveis que lhe são (em parte) justapostas na operação de análise, constituem justamente os sintomas pertinentes do processo de produção dominante que rege o discurso submetido à análise.” (Pêcheux, 1990b, p. 105) Ora, esse jogo de remissões se processa no silêncio enquanto condição da linguagem. E as “formas possíveis”¹³ – pontos de enlaçamento entre significantes e de processos de significação – recortam a multiplicidade significativa do silêncio.

¹³ Entendo “forma” aqui do ponto de vista de Saussure ao dizer que língua é forma e não substância.

Para concluir muito brevemente

Vimos aqui três maneiras de se pensar a metáfora, cada uma delas trazendo formulações próprias.

Em Jakobson, o estudo da metáfora permite depreender aquilo que, representando uma falha na *performance* lingüística dos afásicos, permite ao lingüista pensar no modo metafórico-metonímico de funcionamento da língua. Em Lacan, o estudo da metáfora permite compreender características do discurso psicótico em suas diferenças com o discurso neurótico. Em Pêcheux, o movimento da língua que cabe ao analista de discurso analisar – escapando assim das análises conteudísticas – é o dos efeitos metafóricos enquanto deslizamentos dos sentidos. Apesar das diferenças nas abordagens, um aspecto une os três autores. Em todos, discutir a metáfora é discutir algo que diz respeito à ordem da língua, ou seja, está em jogo uma concepção de língua sujeita a falhas e a deslizamentos significantes.

O que o início e o final desse texto propõem é uma tentativa de mostrar esse modo de funcionamento próprio da língua, em que a metáfora e o silêncio se conjugam.

Referências bibliográficas

- ARRIVÉ, Michel. *Lingüística e Psicanálise*; Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros. São Paulo: Edusp, 1989.
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*. Volume 1: O inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ECO, Umberto. Metáfora. In: --- et alii. *Signo – Enciclopédia Einaudi 31*. Lisboa: Casa da Moeda, 1994, p 200 a 245).
- KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: ---. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969, pg 34 a 62.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: ---. *Escritos*, 1998. p. 238 a 324.
- LACAN, J. *O seminário; livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- NASIO, J.-D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- ORLANDI, E. *Interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990a.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: Gadet, Fr. & Tony, Hak. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1990b.
- PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível; o discurso na história da lingüística*. Campinas: Pontes, 2004.